

PARTIDO SEM CLASSE OU PARTIDO DE CLASSE



Rejane Pinto de Medeiros
Pesquisadora da Fundação Joaquim Nabuco

APRESENTAÇÃO

Escrever sobre a estruturação da consciência de classe do proletariado exige, em princípio, uma seleção de bibliografia e de aspectos a serem destacados, já que muito se tem produzido sobre o assunto. Esta triagem não é fácil e sempre nos parece insuficiente e incompleta. O esforço objetivo, muito mais, contribuir no debate sobre o assunto, ressaltando, por exemplo, a importância da discussão havida entre Rosa de Luxemburgo e Lenin acerca da questão e a atualidade desta polêmica acontecida em fins do século passado e início do atual.

Antes de chegar ao centro da discussão sobre a formação da consciência de uma classe, o artigo apresenta, sucintamente, os conceitos de classe utilizados por Max Weber e por Karl Marx para melhor justificar a escolha do paradigma classista utilizado no restante do texto. Passa então, a discorrer sobre a estruturação da consciência de uma classe via organização sindical que, no entanto, não completa a transformação da "classe em si" em "classe para si". Através de reflexões baseadas nos discursos marxistas, termina por adentrar na discussão acerca do papel do partido revolucionário na completude do processo de formação da consciência de classe do proletariado. E, por fim, tenta deixar indicado um outro debate que remete à reabilitação do conceito de partido dirigente do proletariado sem dissociação das massas.

O CONCEITO DE CLASSE EM WEBER E MARX

Weber analisa a sociedade segundo três diferentes perspectivas: a ordem econômica, onde estariam representadas as classes; a ordem social, com o status; a ordem política, com os partidos. Assim, a propriedade, ou ausência desta, aparece como categoria básica nas situações de classes. Ressalta, ainda, que "o fator que cria classe é, inequivocamente, o interesse econômico, e, na verdade, apenas aqueles interesses ligados à existência do 'mercado' "1 quer dizer, coincide com a opinião dos marxistas quanto à base econômica para divisão da sociedade em classes, mas se diferencia quando coloca o interesse econômico representado pelas condições do mercado, via consumo e não produção das mercadorias.

1 WEBER, Max. Classe, status, partido, In: VELHO, Otávio Guilherme et alii (Org.) *Estrutura de classe e estratificação social*, p. 65

Dentro desta visão de sociedade é perfeitamente cabível a possibilidade de um indivíduo não estar inserido em uma classe, já que as suas condições de vida não estariam sendo determinadas “pela oportunidade de utilizar em proveito próprio bens e serviços no mercado”.² Por conseguinte, esta pessoa estaria numa situação de “não-classe”, como é exemplificado com o caso dos escravos. Estes estariam compondo um “grupo de status”, devido a sua exclusão do mercado consumidor de bens e serviços. Eles formariam um grupo e não parte de uma classe. Estariam sendo determinados, os seus destinos, por uma estimativa social específica de honra, negativa. Segundo o autor desta proposta, as distinções de status seriam asseguradas por convenções, leis e rituais. Quanto mais estável fosse a sociedade no tocante às bases de aquisição e distribuição de bens, tanto mais seria ela marcada pela estratificação por status.

Já na sua época, início do século atual, quando é provável que tenha escrito o texto que fala sobre classe social, utilizado como base para estes breves comentários, Weber reconhece, no entanto, a predominância da divisão de sociedade em classes e não em grupos de status: “E, hoje em dia, a situação de classe é de longe o fator predominante, pois, logicamente, a possibilidade de um estilo de vida que se espera dos membros de um grupo de status é normalmente condicionada economicamente”.³ Ele estava vivendo exatamente a fase de implantação do capitalismo na Europa, com mudanças no processo produtivo que provoca transformações profundas na sociedade, a ponto de se denominar a fase da “revolução industrial”. Mais adiante, corroborando isto, ele acrescenta que: “Toda repercussão tecnológica e transformação econômica ameaça a estratificação por status e empurra para primeiro plano a situação de classe”.⁴

Os marxistas analisam a sociedade do ponto de vista histórico e dialético, ou seja, consideram a etapa atual em que vivemos a partir do desenvolvimento histórico da humanidade e do choque entre as contradições inerentes à própria realidade. Esta luta entre os opostos é que possibilita um salto evolutivo, como por exemplo, o que aconteceu na passagem do feudalismo para o capitalismo. Outro aspecto fundamental a destacar é que o método materialista-histórico, utilizado por esta corrente de pensamento, analisa a sociedade como estando organizada a partir da forma como produz os seus bens materiais - o modo de produção define o tipo de sociedade ou a etapa em que ela se encontra. É portanto, o fator econômico que constitui a base de formação desta sociedade, já que é a posse, ou não, do capital que definirá a posição dos indivíduos enquanto classe, frente à organização da produção.

Para Marx, a sociedade capitalista é composta, basicamente, por duas classes fundamentais: a burguesia (detentores dos meios de produção, quer dizer, as máquinas e/ou a terra) e o proletariado (vende sua força de trabalho para sobreviver - são os produtores diretos). A partir destas duas classes pode-se subdividir em frações de classe, cada uma, para facilitar o exame detalhado de aspectos os mais variados. Por exemplo, a burguesia incorpora os capitalistas industriais e os latifundiários, enquanto entre os proletários encontramos o operário e o “bóia-fria” da zona canvieira. É admissível ainda, a existência de classes secundárias, resultantes dos resquícios dos modos de produção das etapas anteriores à que a sociedade vive atualmente, enquanto o modo de produção dominante define as classes fundamen-

2 Ibidem, p. 65.

3 Ibidem, p. 76.

4 Ibidem, p. 81.

tais.⁵ Estas classes se situam como antagônicas, já que uma é a dominante e a outra, dominada, vivendo relações de exploração entre si. E através do estudo da luta de classes é possível reconstituir a história da humanidade.

Além de Marx e Weber analisarem o social segundo visões diferentes da formação da sociedade - um com a primazia do econômico e da luta de classes e o outro, ressaltando a questão da disputa pelo poder e os valores que guiam a conduta humana - enfocam também a classe social de diferentes perspectivas. Embora ambos tenham escrito pouca coisa sobre o assunto específico aqui focado, é possível extrair das idéias desenvolvidas por Marx e seus seguidores, um conceito de classes sociais, o que se torna uma tarefa árdua se examinamos a obra de Weber. Ele pluraliza demais as situações de classe não conseguindo unificá-las depois, tornando o seu conceito inútil, como coloca Gurvitch.⁶

Através das palavras de Lenin podemos obter uma idéia síntese do conceito de classe utilizado pelos marxistas:

"Chamaram-se classes grandes grupos de homens que se distinguem pelo lugar que ocupam num sistema historicamente definido de produção social, por sua relação (na maioria das vezes fixada e consagrada em lei) com os meios de produção, por seu papel na organização social do trabalho e, conseqüentemente, pelos meios que têm para obter parte da riqueza social de que dispõem e o tamanho desta. As classes são grupos de homens, dos quais um pode apropriar-se do trabalho de outro, em virtude da posição diferente que ocupam num regime determinado da economia social".⁷

Em contraposição, apresentamos um conceito de classes que parece sintetizar o pensamento de Weber, citado por Gurvitch. "A situação de classe e a classe... não são senão índices de interesses típicos, idênticos ou similares, próprios a indivíduos ou à sua multitudine".⁸

Os conceitos vêm reforçar aspectos já destacados em cada uma das correntes. Os marxistas, com uma visão mais global da questão, partindo da análise do todo, do grupo enquanto tal, observam-no como resultado da posição que ocupa no sistema de produção social e das suas relações, conseqüentemente, com os meios de produção e com a outra classe. O outro conceito destaca a questão do interesse do indivíduo e da diversidade que apresenta este como fatores preponderantes na localização do mesmo enquanto componente e formador de uma classe.

Através do estudo destes conceitos de classe social surgem, mais evidentes ainda, as diferenças entre as duas correntes de pensamentos aqui enfocadas e, principalmente, as dificuldades inerentes à adequação e utilização do pensamento weberiano sobre o assunto. Se classe social é um fenômeno que diz respeito aos fatos sociais, porque estudá-la enquanto resultado de opções e interesses individuais? Não seria mais próprio o seu estudo enquanto fenômeno grupal e portanto, dependendo mais do comportamento deste todo do que dos seus elementos isolados? E não seria, também, mais adequado que o observemos enquanto resultado da estrutura sócio-econômica que o sustenta e o origina? E como admitir, por sua vez, que existam indivíduos, parte de uma sociedade, sem integrá-la enquanto classe, mas somente enquanto grupo de status?

5 STAVENHAGEN, Rodolfo. *Estratificação social e estrutura de classes*, In: VE-LHO, Otávio Guilherme et alii (org.), op.cit., p. 159

6 GURVITCH, Georges. *As classes sociais*, p. 123.

7 STAVENHAGEN, Rodolfo, op.cit., p.150

8 GURVITCH, Georges. op. cit., p. 118.

Concordando com Gurvitch, quando critica Weber na sua conceituação sobre classe social, acrescentaríamos que a falta de um delineamento acerca do que possa ser considerado como um sistema de classes (no qual estariam inseridas as classes) e dentro das quais seriam encontrados os grupos de *status*, torna o trabalho de Weber frágil e pouco claro. Corroborando esta posição crítica sobre a mistura dos conceitos de classe com *status*, Stabenhagen registra que: "O estudo dos sistemas de *status* constitui somente um aspecto do estudo da estratificação, e não tem nada a ver com a análise científica das classes sociais, apesar da confusão às vezes consciente, que certos autores fazem a respeito".⁹

O SINDICALISMO NO CAMINHO DA "CLASSE PARA SI"

Tomando agora, com base, a conceituação de classe social utilizada pelos marxistas, tentaremos discutir um pouco sobre o papel da organização sindical na estruturação da consciência de uma classe: o proletariado. Processo este que possibilitará a esta classe a ultrapassagem da situação de uma "classe em si" para uma "classe para si". Vejamos então, o que se entende como sendo cada um destes estágios e os avanços e atrasos possíveis da atuação desta, e de suas frações de classe, dentro do sindicato.

O indivíduo pode compor uma classe e não se saber enquanto membro desta, estando aí por força da organização sócio-econômica da sociedade, com pode ser o caso, por exemplo, de um trabalhador autônomo, vendedor ambulante. Ele atua como autônomo por ter sido forçado pelas circunstâncias, por ser parte do exército industrial de reserva que o processo capitalista de produção cria, não dando oportunidade de emprego assalariado a uma parcela da mão-de-obra disponível no mercado. Assim, ele sente-se à margem do sistema formal de produção e pode, por conseguinte, sentir-se um não-trabalhador, no sentido de não se sentir parte da classe trabalhadora. Na medida em que os vendedores ambulantes, a ele semelhantes, se colocam com esta postura, defendendo apenas os interesses particulares, individuais e imediatos de cada um, estarão existindo como "classe em si". Em outras palavras, significa dizer que é uma fração de classe que não tomou consciência da sua existência, enquanto tal, e não se organiza portanto, para enfrentar o embate com a classe que lhe é antagônica, oposta.

Sabendo-se ser a luta de classes o principal conceito para se entender e mais facilmente se delinear as classes sociais, depreende-se portanto, que sem que o embate se efetue as classes existirão apenas no sentido virtual, mas não de fato, na *praxis*: ela poderá ser considerada uma classe, mas não estará sendo uma classe, atuando enquanto tal. Para Lukacs, "as próprias condições indispensáveis à afirmação dos interesses de classe são, com freqüência, criadas por intermédio da violência mais brutal... é exatamente nas questões de violência, nas situações em que as classes se enfrentam na luta pela existência, que os problemas da consciência de classe constituem os momentos facilmente decisivos".¹⁰ Através do enfrentamento elas irão se re-conhecendo e se constituindo, se organizando e, portanto, aos poucos passando da situação de "classe em si" para "classe para si".

9 STAVENHAGEN, Rodolfo, op.cit., p. 139
10 LUKÁCS, Georg. A consciência de classe, In: VELHO, Otávio Guilherme et alii (Org.), op.cit., p.21

Enquanto na primeira situação, de “classe em si”, ela se encontra como que fechada sobre si mesma, ou melhor, diluída na individualidade dos seus componentes, na segunda, de “classe para si”, ela como que volta-se para ela mesma através do reflexo na que lhe é oposta, em luta contra a opressão, no caso do proletariado. “O proletariado não nasce, portanto, com uma consciência de classe verdadeira, captadora da realidade e superadora da imediatidade, mas com uma consciência do seu momento, permeado pela ideologia burguesa”.¹¹ E assim, o vendedor ambulante, divorciado dos meios de produção e influenciado pela ideologia dominante que o situa à parte e o isola, pode contribuir para a não-superação da fase de “classe em si”, por parte do proletariado.

Uma das maneiras pelas quais a classe proletária vai se assumindo é no processo de organização dos seus órgãos de representação de classe, os sindicatos. Na medida em que esta entidade se fizer representar e falar em nome da classe, nas lutas econômicas travadas contra o capital, poderá estar contribuindo para formar uma consciência de classe no proletariado. Se ele, ao contrário, defende os interesses da fração de classe que representa, fazendo das vitórias nas lutas particulares o centro do seu trabalho, resumindo-se, assim, à defesa dos interesses econômicos momentâneos e particulares dos seus associados, estará conduzindo a classe operária ao engodo, impedindo a sua evolução. E sem a ultrapassagem da fase inicial de “classe em si”, jamais o proletariado se libertará.

O sindicato, embora apareça no caminho da “classe para si”, poderá, como vimos, ser um obstáculo ao desenvolvimento pleno da classe, ou contribuir para o avanço da luta desta contra o seu oposto, a classe que lhe é antagônica.

O PAPEL DO SINDICATO NA ORGANIZAÇÃO DA CLASSE OPERÁRIA

As considerações sobre o papel do sindicato na organização de uma classe e, em especial, na organização da classe operária, tendo em vista a superação do Estado burguês e realização da revolução socialista gerou uma polémica histórica e importante entre Rosa de Luxemburgo e Lenin. Discussão ainda bastante atual, que nos remete a um exame mais apurado do que seja sindicato e partido, como fórum político de atuação da classe operária.

Para Marx (em que ambos se inspiraram para desenvolver suas idéias), a luta através dos sindicatos poderia confundir os trabalhadores, levando-os a pensar que aquela era a luta prioritária – uma luta puramente econômica, dentro dos marcos da sociedade burguesa onde estava inserido o sindicato da fase pré-revolucionária –, contribuindo para a não organização destes via partido. E, enquanto membro do sindicato, envolvido no embate diário, imediatista, o trabalhador corria o risco de dedicar-se totalmente ao combate dos efeitos do sistema capitalista, sem se organizar para a emancipação final de sua classe. Ele alerta quanto aos limites da arena sindical, sem no entanto negar a importância desta organização, deixando bem claro o papel de condutor que tem o partido no processo final de transformação da classe trabalhadora em “classe para si”, dizendo:

“A consciência da classe trabalhadora não deve ser identificada com a consciência de classe revolucionária, que só é mediada através de agrupamento ou

11 ANTUNES, Ricardo. *Temas de Ciências Humanas*. p. 164.

partido político".¹²

Mas, lamentavelmente, Rosa de Luxemburgo, na formulação das suas críticas à "excessiva" disciplina imposta pelo centralismo democrático, segundo ela, proposto por Lenin, resvala para o praticismo, superdimensionando o papel das massas em detrimento da concepção de partido revolucionário. Com o intuito de denunciar e chamar a atenção para os perigos da má utilização do centralismo democrático, que pode levar o partido a uma atuação castradora, ela abre espaço para que Lenin rebata os seus argumentos colocando-a como parte da "ala intelectual-opportunista"¹³

No entanto, ela consegue ser precisa e clara quando fala sobre o papel dos sindicatos:

"A luta sindical abarca os interesses imediatos, a luta política da social-democracia, os interesses futuros do movimento operário... Os sindicatos representam o interesse de grupos particulares e certo estágio do desenvolvimento operário"¹⁴.

Continua sendo precisa quando aborda a luta parlamentar e sindical, no tocante ao seu aspecto reformista: "... a luta parlamentar, paralela e complementar da luta sindical, coloca-se, com esta última, no terreno da ordem social burguesa. Ela é por natureza um trabalho de reforma política como a luta sindical é um trabalho de reforma econômica... O partido social-democrata é precisamente o ponto de encontro da luta parlamentar com a luta sindical".¹⁵

Mas, quando ela se refere à ação das direções sindicais como tentativa de refutar as críticas à ação reformista destes sindicatos, parece esquecer que também as suas críticas ao centralismo democrático do partido podem se situar ao nível de uma má atuação dos seus dirigentes: "O movimento sindical não é o reflexo das ilusões, decerto explicáveis, mas erradas, de uma minoria de dirigentes sindicais; ele traduz a realidade viva existente na consciência dos proletários conquistados pela idéia da luta de classes. Nessa consciência, o movimento sindical é um elemento parcial da social-democracia..."¹⁶

Considerando mecânica e rígida a concepção da "burocracia" (forma pejorativa de denominar a direção partidária e a ala liderada por Lenin) de só admitir a luta como resultado de um trabalho organizado e com direção, ela refuta o argumento dizendo que "a evolução dialética, viva, faz nascer a organização como produto da luta".¹⁷ Parece não entender o conceito de direção quando acusa a estes, que ressaltam a necessidade de uma direção composta pelos mais capazes (com intelectuais e teóricos do socialismo), de subvalorizarem a maturidade política e organizativa da massa proletária. Com aparente contradição a esta crítica ela reconhece a necessidade organizativa e de centralização à qual o partido deve suprir, dizendo: "A social-democracia é a vanguarda mais esclarecida e mais consciente do proletariado... tem o dever de preceder o curso dos acontecimentos e procurar precipitá-los... é preciso que a social-democracia saiba fornecer com toda a clareza e com resolução uma tática e objetivos ao proletariado".¹⁸

12 SWINGEWOOD; Alan. *Marx e a teoria social moderna*. p. 141

13 LENIN, V. L. e LUXEMBURGO, Rosa de. *Partido de massas ou partido de vanguarda*. p. 54

14 LUXEMBURGO, Rosa de. *Greve de massas, partido e sindicatos*. p. 69.

15 *Ibidem*, p. 70.

16 *Ibidem*, p. 79.

17 *Ibidem*, p. 57.

18 *Ibidem*, p. 60.

Na verdade, Rosa de Luxemburgo parece querer colocar para todos, e em particular, para Lenin, quando expressa sua postura crítica sobre o “ultracentralismo”, em seus artigos publicados por volta de 1904, que prefere enfrentar os erros da massa, considerados mais frutíferos, do que os da direção, mais danosos: “os erros cometidos por um verdadeiro movimento operário revolucionário são historicamente de uma fecundidade e de um valor incomparavelmente maiores que a infabilidade do melhor dos comitês centrais”.¹⁹ Mostra uma visão dicotômica de um todo que deve, para bem atuar, funcionar com um máximo de sintonia entre a massa e as suas lideranças, representadas na direção do partido. Parece querer colocar a massa em uma condição privilegiada quanto ao nível de conhecimento da realidade e de elaboração teórica sobre a situação. A “camarada Rosa”, como chamava Lenin, embora fosse um brilhante quadro partidário, com capacidade de elaboração teórica comprovada, foi infeliz na elaboração da sua crítica ao burocratismo, caindo no outro oposto, numa postura espontaneísta. É possível também, que os equívocos cometidos pela “camarada” tenham origem nas diferentes realidades que serviram de base para as elaborações de ambos: enquanto Rosa lidava com o operariado alemão (originário do povo mais teórico da Europa e integrante tardio do movimento operário - beneficiário portanto, das experiências dos demais), Lenin trabalhava a realidade russa de um povo oprimido por um regime policialesco e com um partido que começava a se constituir (contendo no seu corpo tendências desviantes e necessitando assimilar a experiência de outros para conseguir delinear os rumos da revolução russa).²⁰ Então, partindo da vivência junto ao partido alemão, Rosa elaborava as suas idéias sobre a teoria de partido revolucionário em geral, tornando as suas críticas inadequadas a uma outra realidade política.

Lenin não poupou críticas às posições assumidas por Rosa de Luxemburgo e os que defendiam o que ele denominava de “nova tendência crítica”, chamando-os de oportunistas e burgueses disfarçados, que propunham transformar o partido revolucionário em um partido reformista. Mostra que as greves, enquanto luta sindical, significavam o despertar da classe operária para o antagonismo entre patrões e empregados, não mais do que isso. Pois “a história de todos os países atesta que, pelas próprias forças, a classe operária não pode chegar senão à consciência sindical”.²¹ E portanto, não se deve estranhar quando se fala da necessidade de uma direção e da existência de intelectuais neste bojo, pois os próprios precursores da doutrina socialista - Marx e Engels - pertenciam, pela sua situação social, ao grupo dos intelectuais burgueses. Citando Kautsky, ele reforça a indispensável colaboração dos intelectuais na elaboração da teoria socialista: “A consciência socialista de hoje não pode surgir senão à base de um profundo conhecimento científico... o portador da ciência não é o proletariado, mas os intelectuais burgueses... Assim, pois, a consciência socialista é um elemento importado de fora na luta de classes do proletariado, e não algo que surgiu espontaneamente... a tarefa da social-democracia é introduzir no proletariado a consciência de sua situação e a consciência de sua missão. Não seria necessário fazê-lo se essa consciência emanasse naturalmente da luta de classe”.²² Como só existem duas ideologias - a burguesa e a socialista -, o espontaneísmo leva a massa a adotar a ideologia dominante, a burguesa, já que a

19 LENIN, V. L. e LUXEMBURGO, Rosa de, op. cit., p. 40.

20 LENIN, V. L. *Que fazer?* p. 18 - 20.

21 *Ibidem*, p. 24.

22 *Ibidem*, p. 31.

ideologia que representa a sua emancipação só lhe é acessível através da teoria científica. Por esta razão ele combatia Rosa de Luxemburgo e os espontaneístas que propunham, em outras palavras, o abandono do proletariado à sua própria sorte e movimento ou seja, em uma sociedade burguesa, ao domínio da burguesia. E esta ideologia é passada, em grande parte, através do movimento sindical que representa, segundo Lenin, “a política burguesa da classe operária”, com sua característica reformista e puramente econômica, como já foi discutido.

E, finalmente, sobre as críticas de Rosa de Luxemburgo aos erros cometidos por uma direção de partido em nome do centralismo democrático e a sua preferência pelos erros da massa, como visto anteriormente, Lenin considera “falta de tato político, pois, em lugar de submeter os maus dirigentes aos bons dirigentes,... submete os dirigentes em geral à ‘multidão’”.²³

E O QUE É PARTIDO?

Novamente, com respeito ao conceito de partido, observamos a ocorrência de duas posições opostas, tal como foi observado no tocante às classes sociais. Uma que conceitua o partido de uma perspectiva marxista, passando pela luta de classes fundamentais na sociedade; a outra, considera o partido como um agrupamento de indivíduos que tentam influenciar as pessoas, a comunidade, com uma idéia por eles defendida.

Tentaremos explicitar aqui, a princípio, a conceituação utilizada por esta última corrente de pensamento, onde é possível situar Azambuja e Weber.

Os partidos são “sociedades permanentes, que agrupam indivíduos que pensam do mesmo modo sobre problemas de governo e assuntos públicos em geral,... servem para formar e expressar a opinião de correntes que concorrem na opinião pública”,²⁴ é como define Azambuja. Seu conceito nos parece pouco claro quanto à especificidade – partido – a que se propõe delimitar. Dentro destes parâmetros poderemos inserir certo tipo de entidade associativa que agrupa moradores de um bairro, pois opina sobre os assuntos citados e tenta influenciar a opinião pública quanto à sua posição frente a certos problemas de gestão governamental. Este é um dos exemplos que destacamos para ilustrar a pouca propriedade da definição.

Para Weber, o partido está inserido na esfera do poder pois “sua ação é orientada no sentido da aquisição de ‘poder’ social, o que quer dizer no sentido de influenciar uma ação comunal a despeito de qual seja seu conteúdo”.²⁵ Suas ações são orientadas, de forma planejada, para um objetivo, pessoal ou coletivo (quando persegue propósitos ideais ou materiais), e podem representar interesses de classe e/ou de status. Acrescenta também, que “na maioria dos casos, são, em parte, partidos de classe e, em parte, partidos de status, mas às vezes não são nem uma coisa nem outra. Podem representar estruturas efêmeras ou duradouras”.²⁶

A conceituação utilizada por este autor coincide com a sua posição quanto à tentativa de delineamento do que seja classe social. Coerente com a superposição dos conceitos de classes e status, a colocação de interesses pessoais definindo as situações dos indivíduos quanto à estratificação social e até mesmo, considerando a

23 Ibidem, p. 93.

24 AZAMBUJA, Darcy. *Introdução à Ciência Política*. p. 309.

25 WEBER, Max. *op. cit.*, p. 81.

26 Ibidem, p. 82.

possibilidade de exclusão de setores da sociedade do sistema de classes, Weber define o que entende como sendo partido. Mas, assim como o seu trabalho sobre classe social, a sua visão de partido fica prejudicada, pois ele considera estruturas diferentes em um mesmo nível – status e classe – e no final, termina não dizendo a quem representa o partido. Ao deixar em aberto esta representação (“não são nem uma coisa nem outra”) ele incorre em erro semelhante ao de Azambuja. Neste sentido, não poderia ser esta definição utilizada também, para identificar um clube social?

Para os marxistas a discussão sobre partido vincula-se ao debate sobre luta de classes e sobre organização da classe operária, do proletariado, com vistas à tomada do poder, através de uma revolução socialista. O partido representa a classe e defende os interesses dela na manutenção e ampliação do poder, no caso da burguesia, ou serve como aglutinador e orientador das ações da massa proletária no acirramento da luta de classes que a conduzirá à superação desta situação. E, como vimos antes, na discussão sobre sindicato e partido, a incorporação desta massa no partido revolucionário exige “uma consciência elevada no trabalho teórico, político e de organização da social-democracia”.²⁷

Embora se possa criticar a teoria marxista quanto à ideologia que a caracteriza e quanto à previsão, segundo alguns, futurista, da crise e fim da etapa de dominação do capitalismo, fica difícil criticar o seu conceito de partido e classe social, já que se inserem de forma clara e coerente na visão globalizante da realidade que perpassa todas as suas posições.

Para eles, marxistas e comunistas, o partido que dirige a revolução proletária faz-se no dinamismo do embate pois também ele é dialético, sendo ao mesmo tempo, “produto e produtor da sua própria realidade”. Verifica-se, desta forma, um processo de interação constante entre partido e classe que se repete, diferentemente, nas relações entre, partido e membros do partido. Com estas idéias, Lukács conclui um seu artigo, de 1924 sobre “O Partido dirigente do Proletariado”, destacando um importante aspecto da concepção leninista de partido, representando “a mais brutal ruptura com a vulgarização mecanicista e fatalista do marxismo”.²⁸

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- 1 ANTUNES, Ricardo. Algumas Questões sobre a Consciência de classe do Operariado Brasileiro. *Temas de Ciências Humanas*, São Paulo (9): 159-179, Livraria Ed. Ciências Humanas, 1980, 227 p.
- 2 AZAMBUJA, Darcy. Introdução à Ciência Política. 5ª ed., Rio de Janeiro, Ed. Globo, 1985, 345 p.
- 3 FREUND, Julien. **Sociologia de Max Weber**. 3ª ed., Rio de Janeiro, Ed. Forense, 1980, 210 p.
- 4 GURVITCH, Georges. **As Classes Sociais**. São Paulo, Globo Ed., 1982, 203 p.
- 5 LEFÈBRE, Henri. **Sociologia de Marx**. 2ª ed., Rio de Janeiro, Ed. Forense, 1979, 141 p.
- 6 LENIN, V. L. **Que Fazer?** São Paulo, Ed. Hucitec, 1986, 148 p.

27 LENIN, V. L. op. cit., p.41

28. Lukács, Georg. **Teoria do partido revolucionário**. p. 112.

- 7 LENIN, V. L. e LUXEMBURGO, Rosa de. **Partido de Massas ou Partido de Vanguarda**. São Paulo, Nova Stella Ed., 1985, 60 p.
- 8 LUKÁCS, Georg. **Teoria do Partido Revolucionário**. São Paulo, Brasil Debates Ed. Ltda., 1987, 112 p. (Cadernos de Formação Marxista).
- 9 LUXEMBURGO, Rosa de. **Greve de Massas, Partido e Sindicatos**. São Paulo, Kaidos Livraria e Ed., 1979, 80 p.
- 10 SANTOS, Theotonio dos. **Conceito de Classes Sociais**. Petrópolis, Ed. Vozes, 1982, 81 p.
- 11 SWINGWOOD, Alan. **Marx e a Teoria Social Moderna**. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1978, 265 p.
- 12 VELHO, Otávio Guilherme; PALMEIRA, Moacir G. S.; BERTELLI, Antônio R. (org.). **Estrutura de Classe e Estratificação Social**. 9ª ed., Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1981, 170 p.